



A Questão dos Gêneros em João do Rio: um Estudo da Obra *No Tempo de Venceslau...*¹

Vinicius Mizumoto Mega²

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru, SP.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar as configurações textuais de *No Tempo de Venceslau...* para avaliação de seus traços formais, os quais são fundamentais para a própria reflexão a respeito da possível diversidade de comportamentos de linguagem que apontam para características de gêneros diversos. Em relação à metodologia, esta pesquisa possui uma natureza analítica e interpretativa. Utilizamos referências bibliográficas sobre o contexto histórico da época da obra *No Tempo de Venceslau...* E a respeito dos gêneros jornalísticos, além de obras de análise literária. As conceituações dos gêneros reportagem, crônica, conto, artigo e coluna foram importantes para percebermos que os textos políticos possuem comportamentos textuais que mesclam gêneros jornalísticos e literários, com a presença, por exemplo, da reportagem e do conto em um mesmo artigo.

PALAVRAS-CHAVE: João do Rio, Gêneros, Jornalismo, Bellé Epoque, *No Tempo de Venceslau...*

No Tempo de Venceslau é um conjunto de artigos publicados no periódico *O Paiz* e reunidos, em 1917, em livro pelos Irmãos Villas Boas. Nesta obra, João do Rio, principal pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921) retrata uma série inumerável de figuras políticas, como Venceslau Braz, Pinheiro Machado, Lauro Muller, Rodrigues Alves, Antônio Carlos de Andrada, Bernadino Machado, Enver Paxá. Distintos são as abordagens e o teor dos textos: o jornalista-escritor retrata a realidade da política brasileira do século XX, denunciando a inércia do governo, a hipocrisia dos políticos, a campanha do serviço militar obrigatório, do jogo do bicho e da entrada de Portugal na guerra, da política grega e da influência americana, entre tantos outros temas.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Bolsista FAPESP de iniciação científica e aluno do curso de Jornalismo da UNESP de Bauru, email: vinicius_mizumoto@hotmail.com.



No Tempo de Venceslau foi produzido em um contexto histórico de profunda urbanização do Rio de Janeiro, que provocou significativas mudanças culturais. A gênese dos textos se insere em uma época na qual a própria imprensa se modernizava e, ao mesmo tempo, em um período histórico em que os gêneros jornalísticos ainda não estavam circunscritos àquela delimitação que se faria a partir dos anos 50 no Brasil.

Além disso, deve-se destacar que a obra possui uma configuração singular da que conhecemos de João do Rio como cronista do cotidiano e dos costumes de *Religiões no Rio, Alma Encantadora das Ruas, Vida Vertiginosa, Cinematógrafo e Os dias Passam*, para citarmos suas obras mais conhecidas. *No Tempo de Venceslau* desenvolve perfis políticos, fazendo avultar temas políticos. No entanto, a obra possui aspectos que mesclam jornalismo e literatura, como se consagrou na obras mais conhecidas de João do Rio, oscilando entre opiniões do autor, descrição de personagens e narração de fatos políticos com alguns procedimentos afins a gêneros literários, como o conto.

O contexto histórico no qual as obras de Paulo Barreto foram escritas deve ser respeitado para que possamos apreender o modo peculiar de se fazer jornalismo da passagem do século XIX para o XX, em que o jornal vai se distanciando da sua função marcadamente doutrinária em busca da informação. Por outro lado, o jornalismo mantinha estreitas aproximações com a literatura, não se destacando como área autônoma.

Mas não eram somente as características da atividade jornalística que estavam se modificando, pois a cidade do Rio de Janeiro passava por uma intensa transformação urbana, que acarretou significativas mudanças sociais e culturais. Período da *Belle Époque*, na qual o comportamento e o cotidiano dos cariocas foram modificados pela influência francesa, que se manifestou nas vestimentas, na maneira de se comportar e nos hábitos das pessoas.

O tipo social criado com a instauração da República caracteriza-se como aquele que tinha fome de ouro, sede da riqueza, sofreguidão do luxo, da posse, do desperdício, da ostentação, do triunfo. A bolsa de valores, nesses tempos, representa certa fotografia da sociedade: [...] “cada qual procura enganar a cada um com mais vantagem [...] a sociedade se tornava um desabalado torvelinho de interesses ferozes, onde a caça ao ouro constitui a preocupação de toda a gente.”³

³ SEVCENKO, 2003, p. 38.



José Antônio José, outro pseudônimo de Paulo Barreto, também contribuiu com a descrição da influência da moda européia sobre o Rio de Janeiro:

Com a civilização e as viagens à Europa, deixou de existir o tipo carioca, como há definidamente o tipo sérvio, o tipo inglês, o tipo andaluz. Os cariocas não se parecem com os cariocas- são como criaturas escapas dos figurinos ou das gravuras d´ arte. Aquela menina que vai ali, por exemplo. É brasileira. Pode ser, mas parece parisiense. Aquela outra loura é carioca. Mas será? Parece italiana de Roma (...) é no *trottoir roulant* da Avenida, vendo passar a elegância, que compreendemos de como a Moda conseguiu desfazer, o próprio tipo do carioca-dando-nos um delicioso magazine de reprodução das diversas raças.⁴

O “encantador” (ancestral do play-boy) “freqüenta os chás (tea-rooms), namora (flirt), guia automóveis à disparada (sport), trata todos com superioridade(set), dança(tango), diverte-se enfim”.⁵

A “democratização” do crédito levada a efeito pela política do Encilhamento aumentou a intensidade das trocas comerciais entre o Brasil e os países europeus. A nova política econômica exigia um reajuste dos hábitos sociais e dos cuidados pessoais. As ruas estreitas, recurvas e em declive, típicas de uma cidade colonial, dificultavam a conexão entre o terminal portuário, os troncos ferroviários e a rede de armazéns e as áreas pantanosas facilitaram a expansão da febre tifóide, do impaludismo, da varíola e da febre amarela. As transformações urbanas do Rio de Janeiro da passagem do século XIX para o século XX modificaram a vestimenta, o comportamento e o hábito de grande parcela da sociedade carioca, que passou a valorizar a cultura europeia, principalmente a francesa, que influenciou a paisagem social e urbana da cidade carioca da *Belle Époque*:

Ao estilo do mestre-de-obras, elaborado e transmitido de geração a geração desde os tempos coloniais, sobrepôs-se o *art nouveau* rebuscado dos fins da *Belle Époque*. Também com relação à vestimenta verifica-se a passagem da tradicional sobrecasaca e cartola, ambos pretos, símbolos da austeridade da sociedade patriarcal e aristocrática do Império, para a moda mais leve e democrática do paletó de casimira clara e chapéu de palha.⁶

A expulsão da população humilde da área central da cidade e a intensificação da taxa de crescimento urbano provocaram o surgimento das favelas. A repressão à miséria

⁴ José Antônio José, *Pall- Mall- Rio, O Paiz*, 06.05.1916, pág. 2. No volume *Pall-Mall- Rio como O tipo do carioca*.

⁵ *Ibid, Ibidem*, p. 2.

⁶ SEVCENKO, 2003, p. 44.



e a imundice do Rio de Janeiro se intensificou com a lei que obrigava o uso de paletó e sapatos para todas as pessoas, sem distinção, no Município Neutro. O objetivo era acabar com a “vergonha” e a imundice injustificáveis dos mangas-de-camisa e descalços das ruas da cidade. Um cidadão chegou a ser preso pelo “crime de andar sem colarinho”. A condenação da caturrice, da doença e da preguiça se associava também a uma luta contra as “trevas” e a “ignorância”. As repressões às manifestações culturais populares ocorreram por meio da proibição das festas de malhação de Judas e do bumba-meu boi, os cerceamentos à Festa da Glória e o combate policial a todas as formas de religiosidade popular: líderes messiânicos, curandeiros, feiticeiros, etc. A polícia também passou a perseguir as crenças de origem africana como o candomblé que, mesmo com a repressão, conquistava seguidores da população dos centros urbanos do país, como Rio de Janeiro e São Paulo.⁷

Broca (1956) nos explica que o prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, incentivava os espetáculos mundanos, promovendo batalhas de flores no Campo de Santana, com ornamentação do parque, instituição de prêmios, presença do presidente Rodrigues Alves. O carnaval que se almeja é o da versão europeia, com arlequins, pierrôs e colombinas de emoções comedidas, daí o vitupério contra os cordões, os batuques, as pastorinhas e as fantasias populares preferidas: de índio e de cobra viva. Essas e outras medidas governamentais transformaram as relações sociais e as manifestações culturais populares:

As relações sociais passam a ser mediadas em condições de quase exclusividade pelos padrões econômicos e mercantis, compatíveis com a nova ordem da sociedade [...] O Rio de Janeiro é o cosmopolitismo, é a ambição de fortuna de todas as criaturas, talvez, de todas as nações da terra, cada qual querendo vencer e dominar pelo dinheiro e pelo luxo, de qualquer maneira e a qualquer preço.⁸

Percebemos que os padrões econômicos e mercantis eram comandados pelas nações europeias e que a cultura brasileira recebeu grande influência da França e da Inglaterra, países que ditaram a moda e o comportamento da sociedade carioca do *Belle Époque*, do *Five o' clock tea*, do “bota abaixo”, das grandes avenidas, da aceleração, da produtividade, da sociedade de aparência que não gostava de miséria, de pés descalços, de mendigos, de sujeira. A criação de um espaço público central da cidade,

⁷ Cf. SEVCENKO, 2003.

⁸ SEVCENKO, 2003, pp. 55- 56.



completamente remodelado, embelezado, ajardinado, europeizado e a derrubada dos velhos casarões provocou uma verdadeira crise de habitação, com elevação do valor das moradias, obrigando os pobres a se mudarem do centro da cidade. A imprensa promove uma campanha de “caça aos mendigos”, com o objetivo de eliminar a miséria escancarada nas ruas cariocas. As prostitutas, os pedintes, os indigentes, os ébrios e quaisquer grupos marginais também foram alvo da campanha de “caça aos mendigos.”.⁹

As transformações sociais foram acompanhadas por transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro da *Belle Époque*, que se refletiram na mudança do uso de meios de transporte. José do Patrocínio foi o primeiro a trazer da Europa o automóvel. Posteriormente, chegaram ao Rio de Janeiro os carros de Guerra Duval e do Capitão Cardia. João do Rio afirma:

Subitamente é a era do automóvel [...] Ruas arrasaram, avenidas surgiram, os impostos aduaneiros caíram, avenidas arrasaram-se, avenidas surgiram, os impostos aduaneiros caíram, e triunfal e desabrido o automóvel entrou, arrastando desvairadamente uma catadupa de automóveis. Agora, vivemos positivamente nos momentos em que o chofer é rei, é soberano, é tirano.¹⁰

A construção da Avenida Central (atual Rio Branco) foi concretizada à custa do despejo sumário de 20 mil pessoas e a derrubada de quase dois mil imóveis. Em 1905, a Avenida Central termina as suas construções. Havia prédios de vários estilos, mouriscos e góticos, abrigando a Escola de Belas Artes, a Biblioteca Nacional e o teatro Municipal.¹¹

No Tempo de Venceslau foi produzido em um contexto histórico de profunda urbanização do Rio de Janeiro, que provocou significativas mudanças culturais. A gênese dos textos se insere em uma época na qual a própria imprensa se modernizava e, ao mesmo tempo, em um período histórico em que os gêneros jornalísticos ainda não estavam circunscritos àquela delimitação que se faria a partir dos anos 50 no Brasil.

O desenvolvimento da reportagem, no Brasil, ocorreu devido a profundas transformações na imprensa e no modo de se fazer jornalismo. Nesse processo, João do Rio teve papel fundamental. Medina (1988) afirma que a figura do repórter brasileiro passou a se desenvolver quando esse jornalista saiu das redações de jornais e se dirigiu aos locais em que aconteciam os fatos para captar as informações:

⁹ Cf. SEVCENKO, 2003.

¹⁰ RIO, João. *Vida Vertiginosa*, p. 8- 9.

¹¹ RODRIGUES, 1996.



Observação direta e palpante. Repórter que vai à rua e constrói sobre o momento a história dos fatos presentes. Da união destes dois conceitos nasce a definição moderna de jornalismo. E João do Rio, se não é original na história da imprensa, pelo menos no Brasil inicia esse processo. (...) A observação da realidade, como característica essencial do repórter, foi realmente o ponto de partida de João do Rio ao produzir reportagens e ao renovar a crônica. (...) A coleta de informações por meio de fontes, ou melhor, entrevistas e fontes, é a grande conquista técnica que João do Rio lança no jornal brasileiro. (MEDINA, 1978, p.58-59).

Medina (1988) destaca a importância de Paulo Barreto no processo da transformação da atividade jornalística na medida em que a fase 1900-1920 foi liderada pelo jornalista-escritor que contribuiu, substancialmente, para a modernização da atividade jornalística no Brasil. A autora aponta algumas características dos procedimentos textuais e jornalísticos utilizados por Paulo Barreto em suas narrativas¹²:

Quanto ao universo da informação jornalística:

- A) A observação da realidade;
- B) A coleta de informações, por meio da entrevista a fontes específicas (ex.- a enquete do momento literário), a fontes anônimas (reportagens-crônicas de tipos e situações), ou a fontes imprecisamente identificadas (reportagens como “Religiões no Rio”).
- C) A ampliação da informação nuclear em um certo aprofundamento de contexto, de humanização e de reconstituição histórica.

Quanto ao tratamento estilístico:

- A) Descrição de ambientes e fatos e o repórter como narrador;

A contribuição de Paulo Barreto para a consolidação do gênero reportagem no Brasil ocorreu por meio de algumas inovações, como o uso de técnicas de entrevista, como atesta o historiador e crítico literário Brito Broca:

Cronista por excelência do 1900 brasileiro seria Paulo Barreto (João do Rio). E uma das principais inovações que ele trouxe para a nossa imprensa literária foi a de transformar a crônica em reportagem-passagem por vezes lírica e com vislumbres poéticos. Machado de Assis, Bilac e outros eram cronista sem o temperamento de repórteres; o primeiro, principalmente, [...] Jamais lhe passaria pela cabeça ir à

¹² MEDINA, Cremilda de Araujo. **Notícia: um produto à venda** (Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial). São Paulo: Alfa-Ômega, 1978, p. 60.



cadeia ver de perto o criminoso e conversar com ele. Foi essa experiência nova que João do Rio trouxe para a crônica, a de repórter.¹³

A transformação da crônica em reportagem por João do Rio ocorreu em um período de modificação da imprensa brasileira, no qual a introdução de máquinas rotativas modernizou o processo de manufatura dos jornais, possibilitando a ampliação do parque gráfico e o aumento do número de exemplares impressos para venda, sobretudo no Rio e em São Paulo. As dependências da redação e da oficina incorporam setores de gravura, desenho, zincografia, galvanoplastia. A distribuição dos jornais passa a reunir assinantes e venda avulsa, com leitores locais, nacionais e do exterior. O jornalismo adquire, pois, uma roupagem empresarial, com objetivos mercadológicos, que busca o lucro e a venda do maior número de exemplares:

Uma fisionomia que buscará atrair o interesse das massas de leitores, captar seus desejos, atingir as suas aspirações. O jornal passa a ser um atraente artigo de consumo, circulando em meio a outros, compondo o figurino das massas metropolitanas, ávidas por novidade e entretenimento. Fundamentalmente, a noção de ser a notícia o valor maior da atividade jornalística está no bojo das transformações [...] A notícia de fato passa a adquirir, aos poucos, a noção de produto comercial em meio a tantos outros, no interior da circulação dos bens de consumo [...] Haverá um esforço que já busca certa identidade para o texto jornalístico, dotando-o de atributos que enfatizam a informação. A nova fisionomia vai conferindo importância maior a gêneros essencialmente jornalísticos, a notícia e a entrevista.¹⁴

Um ponto essencial de convergência de gêneros do jornalismo e da literatura é a narratividade, que conta uma sequência de eventos que se sucedem no tempo. E a narratividade possui conexão estreita com a temporalidade, pois conta eventos reveladores da passagem de um estado a outro. A narratividade está intimamente ligada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade.¹⁵

A reportagem se utiliza de técnicas narrativas para contar uma história com sequência de eventos que se sucedem no tempo.

Mas a narrativa não é privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por que) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do

¹³ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. (Documentos brasileiros, v.108), p. 236.

¹⁴ BULHÕES, 2007, p. 102.

¹⁵ Cf. BULHÕES, 2007.



dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem.¹⁶

Um exemplo de narratividade com feição narrativa em João do Rio encontra-se no texto *Os Mendigos*: “Antes de saber do projeto andava furioso com um mendigo que amofinava meu charuto e a minha digestão, à saída de um restaurante”.¹⁷ A narratividade é elaborada com tons poéticos, como no segmento “amofinava meu charuto”. O texto tem predomínio do gênero crônica por retratar um personagem do cotidiano, com tom poético e presença de traços da vida social.

Bulhões explica que a reportagem busca detalhar os fatos e exige que o jornalista esteja no *locus* do acontecimento, trazendo a voz de quem convive estreitamente com os fatos. Algumas vezes, está centrada na figura do “eu” que reporta, o que demonstra presença de marcas de personalidade na forma expressiva. Na narrativa do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um ambiente.

Muniz Sodré e Maria (1986) Helena Ferrari destacam quatro características principais da reportagem:

- 1- Predominância da forma narrativa (com personagens, ação dramática e descrições do ambiente).
- 2- Humanização do relato
- 3- Texto de natureza impressionista¹⁸
- 4- Objetividade dos fatos narrados- Em conjunto com os itens acima, os fatos devem ser relatados com precisão para garantir a verossimilhança.

João do Rio explora os três primeiros itens em seus textos. Ele não busca o efeito de objetividade, tanto é que em seus escritos prevalecem a primeira pessoa, reforçando o tom impressionista e subjetivo, os quais são mais sutis na reportagem como a entendemos hoje.

Medina (1988) sistematiza o tratamento formal estilístico efetuado por João do Rio: descrição de ambientes e fatos e o repórter como narrador (a reportagem de João do Rio não apresenta um repórter narrador que se coloca como intermediário impessoal

¹⁶ SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 4ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986. (Coleção Novas Buscas em Comunicação, v. 14), p.11.

¹⁷ RIO, João, 1917, p. 154.

¹⁸ Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos (...). Mesmo não sendo em primeira pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa ligação.



do fato jornalístico); o diálogo repórter/ fonte, acentuando o primeiro, ou seja, o autor em diálogo com alguém; o ritmo narrativo da reportagem constituído por descrições e comentários, “quebrando” a ação jornalística.

Um exemplo de reportagem em João do Rio encontra-se no texto “A Atitude da Grécia”:

É possível que os viajantes românticos tenham a necessidade irreal de conservar os seus sentimentos líricos pela Grécia contemporânea depois de saltar no porto de Pyreo. Eu confesso que não tinha esses sentimentos. A minha viagem à Grécia era o término de uma peregrinação religiosa às forças vivas e criadoras do Mediterrâneo. Saltava no Pyréo, sem romantismo, sabendo o quanto esses eslavos denominados neo- helenos tinham a ver com a Grécia antiga. Ao de mais, os meus conhecimentos com os clássicos, o manusear contínuo de Homero, a segurança na força plasmadora dos ambientes e o conhecimento de muitos gregos em Constantinopla não me poderiam dar do cavalheirismo e da moral neo- helênica uma impressão ingênua. Uma evidente miséria parece espiar nos cantos de idéias, miséria econômica, miséria financeira. Mas todos são importantíssimos e que a vida do resto do mundo depende exclusivamente deles.¹⁹

Bulhões define reportagem como o gênero que busca detalhar os fatos e solicita que o jornalista esteja no *locus* do acontecimento, trazendo a voz de quem convive estreitamente com os fatos. O texto “A Atitude da Grécia” é narrado pelo jornalista-escritor com a perspectiva de quem se encontra no ambiente em que se sucedem os acontecimentos: “A minha viagem era o término de uma peregrinação religiosa às forças vivas e criadoras do Mediterrâneo.”²⁰ Muitas vezes, está centrada na figura do eu que reporta, o que demonstra presença de marcas de personalidade na forma expressiva.

O texto destaca o narrador que conta a história como se estivesse escrevendo um diário de viagem. “Saltava no Pyréo, sem romantismo, sabendo o quanto esses eslavos denominados neo- helenos tinham a ver com a Grécia antiga.”²¹ Na narrativa, a reportagem estende-se a realização descritiva, na composição de um personagem ou na coloração de um ambiente. A construção da identidade grega é feita pelo narrador de maneira crítica, em que a miséria e a falsa aparência de um país importante prevalecem: “Uma evidente miséria parece espiar nos cantos de idéias, miséria econômica, miséria financeira. Mas todos são importantíssimos e que a vida do resto do mundo depende

¹⁹ RIO, 1917, p. 91.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 91

²¹ *Idem, ibidem*, p. 91.



exclusivamente deles”.²² O autor evoca o passado helênico do país para provar que a Grécia contemporânea não se parece com a Grécia antiga e para valorizar a cultura helênica: “É possível que os viajantes românticos tenham a necessidade irreal de conservar os seus sentimentos líricos pela Grécia contemporânea depois de saltar no porto de Pyreo”.²³

Não é rara em João do Rio a assimilação de recursos da ficção e da fantasia pela reportagem. Assim, a “vida verdadeira” agrega elementos ou procedimentos da tradição ficcional aos textos. A opção por configurações narrativas dinâmicas apela para a dramatização dos acontecimentos, no qual o factual se impregna de configurações ficcionais.²⁴

O texto “Diálogo” se aproxima da crônica por apresentar configurações ficcionais que aproximam o texto de uma peça de teatro. O leitor consegue imaginar a cena com os anjos como personagens realizando ações que são indicadas pelo próprio narrador. Magy Salomão (deitando-se de barriga para cima), O Anjo da Guarda (aparecendo de casaca e claque), Magy Salomão(dá um pulo, senta-se a beira do leito):

Magy Salomão- (deitando-se de barriga para cima): Meu anjo da guarda, valei-me contra as tentações do pecado, as perdas no pôquer, os pedidos dos mineiros, o meu orgulho! Meu anjo da guarda, fazei que o governo de Venceslau não fique atrapalhado e que se resolva tudo de modo a irmos para Itajubá, quando Delfim Moreira vier continuar a missão de Minas! Meu anjo da guarda, fazei com que se resolvam esses graves problemas que nenhum de nós compreende. (...)

O Anjo da Guarda- (aparecendo de casaca e claque) Boa noite, meu velho!

Magy Salomão- (dá um pulo, senta-se á beira do leito): Quem é o senhor? Ainda algum pretendente a esse insuportável ministério do exterior?

O Anjo da Guarda:- Não negues, Magy, o que não compreendes. Certo pensavas que os anjos têm azas e são meninos com um sorriso de nimbo? Em erro laboravas. No céu há coisas que não existem no Brasil: hierarquia, rezas, respeito das funções, cargos conforme o mérito de cada um (...)

Magy Salomão-(assombrado): Eu, anjo? (...)

Anjo da Guarda:-“Basta, meu velho Salomão olhar o que o Brasil não tem feito”

²² RIO, 1917, p. 94.

²³ *Idem, ibidem*, p. 91.

²⁴ Cf. Bulhões, 2007.

Magy Salomão:-“ Que discurso.

O Anjo da Guarda:- A questão principal no Brasil foi sempre não levar a cabo qualquer empresa, seja de que ordem for, de fazer propositalmente errado, de entregar-se nas mãos dos outros com preguiça de trabalhar, imaginando malandragens e sendo explorado nessas malandragens.

O Anjo da Guarda:- Basta, meu velho Salomão, olhar o que o Brasil não tem feito. Notarás que todos os problemas prementes no governo do Wenceslão são coisas discutidas há uma porção de anos. Desde Pedro I fala-se na necessidade do ensino e no pão do saber. Após milhões de discursos e de reformas, damos dois passos e encontramos três analfabetos. Fala-se da necessidade da defesa nacional e, apesar de haver uma lei, o serviço militar obrigatório continua não existindo (...).²⁵

O Anjo da Guarda: - Dorme! Magy, dorme! (despindo a casaca): Realmente. Essas coisas sérias fazem sono. E não adiantam nada... Magy! O´ Magy! Deixá-lo dormir... Dorme, Salomão, verdadeiro anjo da guarda do Brasil, dorme, faze como o Brasil, dorme....²⁶

A ficção no texto “Diálogo” encontra-se na construção de personagens que se afastam da matriz real (uma pessoa de carne e osso, que vive ou viveu em determinado lugar), pois ambos os protagonistas são anjos, na elaboração de uma atmosfera lúdica, em que os personagens interagem e se relacionam como em uma peça de teatro. No entanto, o texto também apresenta informação sobre o contexto histórico e político do governo de Venceslau Brás de maneira crítica. “Desde Pedro I fala-se na necessidade do ensino e no pão do saber. Após milhões de discursos e de reformas, damos dois passos e encontramos três analfabetos”.²⁷ O texto apresenta tanto configurações ficcionais quanto informação sobre o contexto histórico e político do governo Venceslau Braz.

Certo “diálogo” pode ser traçado entre João do Rio e Mario de Andrade, em sua obra *Macunaíma*: o herói sem caráter, lançado dez anos depois da obra *No Tempo de Venceslau...* A frase mais característica do personagem Macunaíma era: “Ai, que preguiça”. O protagonista representa a identidade étnica do brasileiro por ser descendente de índio, negro e branco, além de ser preguiçoso, traidor, mentiroso e um herói sem nenhum caráter. João do Rio afirma “A questão principal no Brasil foi sempre não levar a cabo qualquer empresa, seja de que ordem for, de fazer propositalmente errado, de entregar-se nas mãos dos outros com preguiça de trabalhar, imaginando

²⁵ RIO, 1917, pp. 173- 174-175- 176- 177-178- 181.

²⁶ RIO, 1917, pp. 173- 174- 175- 176.

²⁷ RIO, 1917, p. 176.



malandragens e sendo explorado nessas malandragens”. Se considerarmos que Macunaíma representa o brasileiro, perceberemos que ambos os escritores caracterizam o Brasil como um país em que as pessoas são preguiçosas e malandras, “sem nenhum caráter” e “imaginando malandragens e sendo explorado nessas malandragens”.²⁸

Um exemplo de hibridismo de gêneros crônica e reportagem em *No Tempo de Venceslau...* encontra-se no texto “Opiniões de um jornalista impossível”, que tem predomínio do gênero reportagem :

O coração tem fraquezas que o cérebro não pode reprimir. A mim sempre e afligi muito mais a demissão de um pobre homem do que a nomeação de cavalheiros, admiravelmente incompetentes, para os cargos de insignificante responsabilidade, tais como ministro da fazenda, diretor de companhia, delegado de polícia ou crítico dramático. Patrioticamente devia ser o contrário. Mas o coração sente.²⁹

- Tudo tem um limite. Esse sujeito, que, aliás, não conheces, não pode ser jornalista. Aceitei-o como auxiliar. Vinha recomendado pelo gerente de um banco em que tenho algumas promissórias dilatáveis.
- Consultar os sucessivos ministros, ouvir os oradores nas câmaras arrastando a onda de solecismos para procurar uma idéia, é ter a visão de um frenesi de tolices, e que, como, como nos manicômios, as questões capitães do país são discutidas e gritadas com uma inconsciência só correspondente á ignorância.

João do Rio expõe tanto o lado do secretário do jornal quanto as “opiniões de um jornalista impossível”, realizando um levantamento de diferentes versões do acontecimento. “Na narrativa do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um ambiente.”³⁰ A narrativa descreve o personagem do jornalista demitido que discute com o autor a realidade política brasileira:

Tudo tem um limite. Esse sujeito, que, aliás, não conheces, não pode ser jornalista. Aceitei-o como auxiliar. Vinha recomendado pelo gerente de um banco em que tenho algumas promissórias dilatáveis.
- Consultar os sucessivos ministros, ouvir os oradores nas câmaras arrastando a onda de solecismos para procurar uma idéia, é ter a visão de um frenesi de tolices, e que, como, como nos manicômios, as questões capitães do país são discutidas e gritadas com uma inconsciência só correspondente á ignorância.

João do Rio recria a situação de demissão do jornalista para expor suas opiniões sobre a realidade política do Brasil. O repórter narrador também expõe a ideologia dos

²⁸ *Idem, ibidem*, p 176.

²⁹ RIO, 1917, p. 7.

³⁰ BULHÕES, 2007, p. 45.



jornais, que somente valorizam fofocas, escândalos. Aqueles que vão de encontro a essa forma de pensamento são demitidos.

A crônica pode ser vista como um relato poético do real, situada no limite entre a informação e a atualidade e a narração literária, sofrendo modificações de enquadramento de acordo país.³¹ Merece destacar o relato poético do “real” presente *No Tempo de Venceslau...* no texto “As Opiniões do ministro da Etiópia”, que apresenta configurações textuais tanto da crônica quanto do conto:

Senti que estava só, lamentavelmente só, entre pedras que falavam de mortos e pedras que representavam deuses. Do céu azul caía uma luz amarela e contrariada, luz sem brilho, morna, aumentando aquele mundo de ruína e de museu.

Mais adiante estava a deusa do fogo Sekhet, e eu via esses deuses assustadores: Khepara, cuja cara é um escarabeu; Benin, de pescoço esgaldado como uma cegonha e a serpente de azas Nekebet, e Ta-hu, a vaca em pé, e Meh-urt, a vaca da maternidade, e para a direita uma legião de figuras da deusa Hator.

- Com quem tenho a honra de falar?
- Com Servulus, o eunucho da rainha da Etiópia.

E ainda agora penso nos insolentes contrasensos do ministro da Etiópia ouvidos por uma noite de pesadelo egípcio.³²

O tom poético no texto “As Opiniões do ministro da Etiópia” encontra-se na presença de onomatopéias, com “pedras que falavam de mortos” e “pedras que representavam deuses” e no contraste entre luz e sombra feita pelo autor.

Percebe-se que o texto “As Opiniões do Ministro da Etiópia” se aproxima do conto por apresentar personagens puramente fictícios, com corpos de animais. A fábula é uma história curta que possui personagens animais, vegetais ou minerais e tem como objetivo instruir. “Khepara, cuja cara é um escarabeu; Benin, de pescoço esgaldado como uma cegonha e a serpente de azas Nekebet, e Ta-hu, a vaca em pé, e Meh-urt, a vaca da maternidade, e para a direita uma legião de figuras da deusa Hator.”³³ A presença do ficcional ganha destaque no final do texto quando percebemos que na realidade, todas as ações e diálogos fizeram parte de um sonho, ressaltando o caráter inventivo de João do Rio ao criar situações lúdicas em *No Tempo de Venceslau...*

³¹ Cf. *Ibidem*, 2003.

³² RIO, 1917, p. 305.

³³ RIO, 1917, p. 305.

Um exemplo da coexistência da crônica e conto em *No Tempo de Venceslau...* ocorre no texto *Fábula Grega*:

“O gigante da Cilícia, filho da Terra, repousara o seu corpo monstruoso feito de milhares de braços, de nastos convulsionados de serpentes, de animais possíveis e horridamente fabulosos” [...].³⁴

Percebe-se que o texto se aproxima do conto por apresentar personagens de pura fabulação, com corpos de animais. A fábula é uma história curta que possui personagens animais, vegetais ou minerais e tem como objetivo instruir. Entretanto, com o prosseguimento da narrativa, percebemos que, no texto, a fábula é um recurso para o autor tratar de questões políticas e sociais do Brasil, aproximando, assim, o texto a questões mais concretas do cotidiano, da “vida real” e, portanto, da crônica jornalística:

- Daí é que me pareceu estar o Brasil exatamente como o mundo nesse período lendário. O gigante da Cilícia, Typhéu, o monstro de milhares de guelmas e milhares de braços, é a Anarquia seduzida pelo carinho maternal da inconsciência gritadora. Os múltiplos braços são a ambição, o latrocínio, o ódio, a revolta, a propaganda subversiva, os apetites furiosos.³⁵

Nesse trecho, João do Rio faz uma metáfora que associa o gigante da Cilícia, Typhéu ao Brasil, como um país formado por “ambição, “latrocínio”, “ódio”. Esses temas se aproximavam da realidade política da república do século XX.

Bulhões (2006) explica que a configuração dos gêneros da época de João do Rio é sensivelmente distinta do jornalismo brasileiro com o qual nos habituamos, pois este possui elementos que foram incorporados a partir da década de 1950. Afirma que a riqueza da obra de Paulo Barreto está situada na coexistência entre configurações textuais diversas, em que não existe uma demarcação rigorosa entre os gêneros, que, muitas vezes francamente se hibridizam e se relacionam, tornando as narrativas de seus textos bastante atrativas e sedutoras, em uma produção jornalística e literária nas qual o factual e o ficcional parecem se misturar. A respeito de *No Tempo de Venceslau...*, pode-se concluir que o valor textual-discursivo diz respeito justamente à coexistência de comportamentos textuais diversos, nos quais os gêneros estão francamente hibridizados, ou melhor, compõe um tecido textual sem demarcações nítidas. Tal característica sinaliza um momento jornalístico, o do início do século XX no Brasil.

³⁴ RIO, 1917, p. 73.

³⁵ RIO, 1917, p. 79.



REFERÊNCIAS

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

RIO, João. **No Tempo de Venceslau...** Rio de Janeiro: Editores Villas Boas & C, 1917.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Patricia de Castro. **A problemática da narrativa de João do Rio: crônica ou reportagem**. Trabalho apresentado no XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 4ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986. (Coleção Novas Buscas em Comunicação, v. 14).

MEDINA, Cremilda de Araujo. **Notícia: um produto à venda** (Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial). São Paulo: Alfa-Ômega, 1978, p. 60.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. (Documentos brasileiros, v.108), p. 236.

José Antônio José, **Pall- Mall- Rio**, *O Paiz*, 06.05.1916, pág. 2. No volume Pall-Mall- Rio como O tipo do carioca